



Sobre *Aetna*: composição, data e intertextualidade¹

On Aetna: Construction, Dating and Intertextuality

Matheus Trevizam

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
mattrevi2017@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-1744-3380>

Resumo: Neste artigo, primeiro comentamos quais conteúdos e traços literários podem ser encontrados num poema antigo de nome *Aetna*. Essa obra, contendo cerca de 644 versos, tem como tema o monte Etna, na Sicília; sua forma incorpora os principais elementos associados ao gênero ao qual pertence, a assim chamada “poesia didática”. Em seguida, apresentamos argumentos filológicos (VOLK, 2005, p. 70) a fim de situar a composição dessa obra provavelmente na segunda metade do primeiro século d.C. Finalmente, com recurso a estudos intertextuais, relacionamos passagens de *Aetna* especialmente ao *epyllion* junto ao término de *Geórgicas* IV e à *Eneida* de Virgílio (canto II).

Palavras-chave: poesia didática; vulcanismo; forma literária; datação; intertextualidade; *Aetna*.

Abstract: In this article, we first make comments on the contents and literary features found in an ancient poem named *Aetna*. This work comprises roughly 644 verses and has Mount Etna, in Sicily, as its theme. The form of this poem incorporates the main elements associated with the genre to which it belongs, the “didactic poetry”. Secondly, we present philological arguments (VOLK, 2005, p. 70) in order to situate the composition of this work probably in the second half of the first century AD. Finally,

¹ Este artigo resulta de pesquisa de pós-doutorado realizada (agosto de 2019 a julho de 2020) no Departamento de Linguística do IEL-Unicamp – projeto intitulado “A polifonia no poema *Aetna*: estudo e tradução” – e sob a supervisão científica do professor Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, a quem agradecemos pela leitura atenta e várias sugestões.

making use of intertextual studies, we relate passages from *Aetna* particularly to the *epýllion* near the end of *Georgics* IV and to Virgil's *Aeneid* (book II).

Keywords: didactic poetry; volcanism; literary form; dating; intertextuality; *Aetna*.

Introdução: tema e forma literária

Referindo-nos a *Aetna* (“Etna”), mencionamos um poema didático composto em época discutida – talvez durante a segunda metade do século I d.C., como adiante explicaremos –, por obscuro poeta de Roma Antiga. Seu tema é, de maneira inédita no mundo antigo (GOODYEAR, 1984, p. 347), o assunto “geológico” da vulcanologia, podendo-se dizer que as sucessivas partes da obra dizem respeito, depois (1) de um proêmio (v. 1-93) dotado de traços afins à invocação típica a Apolo e às Musas (com uma menção calimaquiiana ao ineditismo do empreendimento poético), à própria apresentação temática do texto, à preterição dos mitos como modo de explicação da Natureza etc., (2) a um primeiro trecho (v. 94-217) cujo foco explicativo são as galerias de passagem (para ar, água e chamas) ocultas nas profundezas da terra.

Ainda, seguindo-se a (3) uma digressão (v. 218-280), na qual o poeta anônimo destaca a “nobreza” e a validade intelectual de especulações científicas como as suas, no contraste inclusive com os temas da agricultura e da astronomia,² surge (4) o segundo trecho (v. 281-383) vinculado à estrita exposição “geológica” nessa obra, sendo seu tópico de cobertura temática a questão dos supostos “ventos subterrâneos”, que os teóricos antigos reputavam responsáveis tanto pelos terremotos quanto pela deflagração de erupções vulcânicas (SÊNECA, *Naturales Quaestiones* VI, 12, 1). Entre v. 384-566, por fim, encontramos em *Aetna* (5) a terceira e última passagem diretamente ligada à exposição de um tópico “científico” sobre a vulcanologia, na medida em que ocorrem, nesse contexto, explicações sobre as chamas do monte Etna da Sicília,

² Dois significativos poemas didáticos em latim a respeito desses respectivos temas são, por sinal, as *Geórgicas* de Virgílio – século I a.C. – e os *Astronomica* (“Astronômicos”) de Manílio – século I d.C. –, podendo acontecer que o poeta de *Aetna* não se pronuncie, na digressão em pauta, de modo meramente aleatório ao criticar direcionamentos de conteúdo tão distintos dos seus, mas antes desaprove tais autores e obras específicos. Vejam-se, a propósito, Di Giovine (1981) e Lühr (1971).

sobretudo relacionando-as ao potencial ígneo de *molaris lapis* (“pedra molar”, ou “vulcanito”).

Derradeiramente, a partir de v. 567 até v. 644, tem-se de maneira bipartida (6) o próprio “fecho” da obra: assim, até v. 601, são feitas ressalvas ao interesse humano por visitar lugares externos à Itália (Atenas, Esparta, Tebas etc.) e por obras de arte – sobretudo pinturas –, os quais, apesar de maravilhosos, não se equiparam ao portentoso espetáculo oferecido pela Natureza, inclusive, através das erupções do Etna. A partir de v. 602, por outro lado, descortina-se ao leitor uma narrativa cujos protagonistas são Anfinomo e o irmão Anapias, figuras lendárias e de grande prestígio³ na localidade siciliana de Catânia. Como relatado pelo poeta anônimo, os dois teriam livrado da morte seus pais idosos na iminência de grande perigo, demonstrando *pietas* (“respeito filial”) e recusando comportar-se como outros conterrâneos que preferiram, durante certa erupção catastrófica do Etna, agir em favor apenas do “resgate” de si e de seus bens materiais.

A denominação “poema didático” que se deu acima para o texto aludido, por sua vez, remete-nos a uma forma bem específica de estruturação de obras com vistas à veiculação de saberes na Grécia e em Roma Antiga (TREVIZAM, 2014, p. 15-56; PERUTELLI, 2010, p. 300 *et seq.*). Desse modo, em tentativa de apontar o essencial, obras semelhantes não só ao *Aetna*, mas também aos *Trabalhos e dias* de Hesíodo de Ascra – século VII a.C. –, ao *De rerum natura* (“Sobre a Natureza”) de Tito Lucrécio Caro – meados do século I a.C. –, às *Geórgicas* de Virgílio – 29 a.C. –, aos *Astronomica* de Marco Manílio – 30-40 d.C. – e a tantos outros textos greco-romanos da Antiguidade apresentam em comum, antes de tudo, o fato de reproduzirem uma espécie de situação de “aula”. Com isso, referimo-nos a serem veiculados conteúdos em nexos com a vulcanologia – ou, dependendo de cada caso, a agricultura, a física

³ “La legenda, che pure conosce una sua fortuna a livello locale (l’immagine dei fratelli con i genitori sulle spalle è riprodotta su varie monete coniate a Catania nel corso del I secolo a.C.), è celebrata per la prima volta in poesia proprio nell’*Aetna* [...]” (DE VIVO, 1989, p. 79). “A lenda, que também tem sua fortuna em nível local (a imagem dos irmãos com os pais nos ombros é reproduzida em várias moedas cunhadas em Catânia durante o século I a.C.), celebra-se pela primeira vez, na poesia, exatamente em *Aetna* [...]”. Todas as traduções do artigo são de responsabilidade do autor.

epicurista,⁴ a astronomia etc. – pelo endereçamento explícito da “voz” de um *magister* (“professor”) a um *discipulus* (“aluno”), como se observa nos excertos abaixo:

O Etna, as chamas que irrompem de ocas fomalhas,
que causas tão fortes rodopiam incêndios, por que
brame poderosamente e por que retorce roucos fervores
*será meu poema. [...]*⁵

Mas, caso *julgues* que tão grandes fenômenos advêm
de causas externas e de causas externas seu alimento,
tendo à vista imensas aberturas e imensas cavidades,
erras, ainda não *tens* as coisas sob plena luz.⁶

Os excertos acima deixam ver, no primeiro caso, o delineamento do *magister* que se dispõe a “cantar” hexametricamente as erupções do monte Etna diante de um público moldado como “aluno”: note-se, então, a presença de uma forma pronominal de primeira pessoa – *mihi*, “para mim”, v. 1 –, em vínculo com dizeres de comprometimento “professoral”. Por outro lado, as formas verbais – *putas*, “julgas”, v. 158 e *falleris*, “erras”, v. 161 – ou pronominais – *tibi*, “para ti”, v. 161 – de segunda pessoa, no segundo excerto dado de *Aetna*, tornam explícita a destinação da “voz” instrutiva a um *discipulus* que jamais é, ao menos nesse poema, nomeado.⁷

⁴ Esse assunto filosófico, evidentemente, preenche a totalidade dos seis livros do *De rerum natura* lucreciano.

⁵ “*Aetna mihi* ruptique cauis fornacibus ignes/ et quae tam fortes uoluant incendia causae,/ quid fremat imperium, quid raucos torqueat aestus,/ *carmen erit* [...]” (*Aetna* 1-4, grifo meu).

⁶ “*Sed summis si forte putas concedere causis/ tantum opus et summis alimentum uiribus, ora/ quod ualida in promptu cernis ualidosque recessus,/ falleris et nondum tibi certo lumine res est*” (*Aetna* 158-161, grifo meu).

⁷ Isso não se dá nos supracitados *De rerum natura* e *Geórgicas*, com a destinação explícita da “voz” do *magister*, em uma ocorrência, a (Caio) Mêmio – proprietário da Bitínia em 57 a.C. – e, em outra, a (Caio Cílnio) Mecenas – espécie de “ministro” de Otaviano Augusto no século I a.C. e agregador, em torno de si, de todo um Círculo de poetas que contou com Sexto Propércio, Horácio Flaco, Virgílio Marão etc. Nesses casos, o público hodierno é convidado a revestir-se da máscara dessas *personae* um pouco mais definidas, quando interage com tais poemas didáticos e, dois mil anos depois, ainda é interpelado em segunda pessoa pelos textos, mesmo sem nunca ter

Além da “constelação professor-aluno” (VOLK, 2002, p. 40) e da veiculação em hexâmetros datílicos de saberes científico-filosóficos (sobre a vulcanologia),⁸ traços como certo nível de detalhamento expositivo e a intercalação de digressões em meio aos vários preceitos oferecidos (TOOHEY, 1996, p. 4) contribuem decididamente para afinar a tessitura compositiva de *Aetna* com a tradição antiga da poesia didática. Uma vez, portanto, estabelecido o mínimo delineamento literário do texto e feita uma súmula de seus principais conteúdos, passaremos, nas seções seguintes, a situar com brevidade essa obra no tempo (1) e a buscar relacioná-la, intertextualmente, com a obra de Virgílio (2).

1 Questões de datação em torno de *Aetna*

O poema de que nos ocupamos neste artigo foi tradicionalmente inserido, com outros, na chamada *Appendix Vergiliana*, ou seja, naquele conjunto de textos por vezes atribuído a Virgílio, ao lado de suas três obras principais (*Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida*). Como observado por Francisca Moya del Baño (2007, p. 451-453) e/ou Maria Grazia Iodice (2002, p. XII *et seq.*), variados são os testemunhos a respeito desses textos desde a Antiguidade, podendo eles ser repartidos entre, (1), as notícias dos próprios *grammatici* (“gramáticos”) e/ou escritores latinos, como Suetônio-Donato⁹ (*Vita Vergilii* – “Vida de Virgílio” –, século IV d.C.), Sérvio Honorato (*Vita Vergilii* – final do século IV d.C.) e outros; (2), a tradição manuscrita (com destaque para o catálogo de Murbach, do século IX d.C.); e (3), as edições produzidas já na Era moderna, sobretudo a

sido “Mêmio” ou “Mecenas”. A expressão de pronomes de segunda pessoa sem que, nas passagens em que ocorre, se mencione um destinatário explícito, contribui para esse efeito textual.

⁸ Alguns poemas didáticos, no entanto, direcionam-se mais para “fazeres” e abordagem de técnicas aplicáveis ao mundo, do ponto de vista prático, do que para o ensinamento de abstratas teorias e doutrinas. Além das supracitadas e agrícolas *Geórgicas*, notem-se, por exemplo, os poemas chamados *Cynegeticon* (de autoria do obscuro Grattius Faliscus – séculos I a.C. ou I d.C.) e *Cynegetica* (atribuído a Nemesiano de Cartago – fins do século IV d.C.), cujo assunto instrutivo sempre corresponde à caça.

⁹ Maria Grazia Iodice (2002, p. XIV) precisa que essa *Vita* de (Suetônio-) Donato apresenta problemas espinhosos para os filólogos, pois corresponderia, talvez, a um escrito (quase) inteiramente advindo das colocações de Suetônio Tranquilo – séculos I-II d.C.; isso não é, contudo, de todo isento de controvérsias.

Publii Vergilii Maronis Appendix (“Apêndice de Públio Virgílio Marão”), publicada pelo humanista lionês Júlio Escaligero em 1573.

Dessa maneira, em (1), a listagem elaborada por Suetônio-Donato referentemente à *Appendix* abrange *Catalepton* (“As nugas”), *Priapea* (“Priapeia”), *Epigrammata* (“Epigramas”), *Dirae* (“As Fúrias”), *Ciris* (“A garça”), *Culex* (“O mosquito”) e *Aetna*; aquela de Sérvio integra *Ciris*, *Aetna*, *Culex*, *Priapea*, *Catalepton*, *Epigrammata*, *Copa* (“A estalajadeira”) e *Dirae*. Então se nota, desde essa listagem, que os dois *grammatici* antigos diferiram em alguns pontos, pois *Copa* não foi elencada pelo primeiro. Ainda especificamente quanto a *Aetna*, a autoria de Virgílio foi posta em dúvida já em Suetônio-Donato,¹⁰ mas não, por força, em Sérvio.¹¹

Ademais, escritores como o biógrafo Suetônio Tranquilo, na *Vita Lucani* (“Vida de Lucano”) de seu *De poetis* (“Sobre os poetas”); o épico Estácio – século I d.C. –, em *Genethliacon Lucani ad Pollam* (“Ode em honra do aniversário de Lucano, para Pola”); o tratadista Marco Fábio Quintiliano – século I d.C. –, em *Institutio oratoria* (“Instituição oratória”) VIII, 3, 27-29; o missivista Plínio, o Jovem – séculos I-II d.C. –, em suas *Epistulae* (“Epístolas”) V, 3, 2-6; o épico Sílio Itálico – séculos I-II d.C. –, nas *Punicae* (“Púnicas”); ou o epigramista Marco Valério Marcial – séculos I-II d.C. –, em *Epigrammata* (“Epigramas”) VIII, 55, 19-2013 e XIV, 185 –, comprovam o conhecimento, pelos poetas e/ou prosadores antigos, no mínimo de *Culex*, *Catalepton* e *Ciris*, vinculando-os à autoria de Virgílio (IODICE, 2002, p. XVI-XVIII).

Sobre (2), o chamado catálogo [da abadia alsaciana] de Murbach, Polastri (2013, p. 9) registra que se trata do “primeiro testemunho da existência de obras menores de autoria virgiliana”, bem como que ele “alude a um códice de Virgílio do século V, [o qual] continha, depois de suas obras reconhecidas, as mencionadas por Donato/Sérvio e também as

¹⁰ “[...] *deinde Catalepton et Priapea et Epigrammata et Diras, item Cirim et Culicem, cum esset annorum [XXVI/XVI/XXI/XXII]... scripsit etiam de qua ambigitur Aetnam*” (DONATO. *Vita Vergilii*, par. 18-19 B.-S., *apud* IODICE, 2002, p. XIII, grifo meu).

[...] depois, *Catalepton, Priapea, Epigrammata e Dirae*, bem como *Ciris e Culex*; aos [xxvi/xvi/xxi/xxii]... anos escreveu ainda, *o que é duvidoso, Aetna*”.

¹¹ “*Scripsit etiam septem siue octos libros hos: Cirim, Aetnam, Culicem, Priapeia, Catalepton, Epigrammata, Copam, Diras*” (SÉRVIO HONORATO. *Vita Vergilii*, lin. 4-6, p. 151 B.-S. *apud* IODICE, 2002, p. XVI). “Escreveu ainda estes sete ou oito livros: *Ciris, Aetna, Culex, Priapeia, Catalepton, Epigrammata, Copa e Dirae*”.

Elegiae in Maecenatem/Moretum”.¹² A edição da *Appendix* (3) organizada por Escalígero, por sua vez, conta com algumas obras que não apareciam nos testemunhos citados e nem sempre se atribuem a Virgílio, como *eiusdem Cornelii Seueri carmen in obitum M. T. Ciceronis ex libris de bello ciuili* (“Poema à morte de M. T. Cícero do mesmo Cornélio Severo”,¹³ advindo dos livros sobre a guerra civil”); *P. V. Maronis Catalecta ad Tuccam* (“A compilação’ de P. V. Marão, a Tuca”) etc.

Além das controvérsias envolvendo a extensão do *corpus* textual em pauta e a autoria das obras,¹⁴ o aspecto da datação não isenta os críticos de problemas complexos:

Depois de um tempo relativamente longo, quando figuras da estatura de F. Vollmer, T. Frank, K. Rand e A. Rostagni, apoiadores da atribuição virgiliana, viram nesses trabalhos um documento da evolução poética e pessoal do grande Virgílio, desde algumas décadas prevalece a opinião de que se trata de um conjunto de pequenas obras cuja datação se situa em um amplo espaço de tempo, indo de meados do séc. I a.C. até bem entrado o séc. II d.C., e mesmo depois.¹⁵ (DEL BAÑO, 2007, p. 452-453).

¹² Outros manuscritos do período medieval apresentam na *Appendix*, além de todos os textos que mencionamos neste artigo, as obras seguintes: *De institutione uiri boni* (“Sobre a formação do homem bom”), *De est et non* (“Sobre o sim e o não”) e *De rosis nascentibus* (“Sobre as rosas que nascem”), como explica del Baño (2007, p. 252).

¹³ Esse editor também atribui a autoria de *Aetna* a Cornélio Severo, senador romano e poeta da época Augustana (morto em 8 d.C.?), de que dão notícia Ovídio, em *Epistulae ex Ponto* (“Epístolas do Ponto”) IV, 16, 9, e Quintiliano, em *Institutio oratoria* X, 1, 89; *Bellum Siculum* (“Guerra da Sicília”) e *Res Romanae* (“Assuntos romanos”) seriam títulos de algumas de suas obras.

¹⁴ “A partir de entonces [da edição de Escalígero] la polémica no ha dejado de existir y ha oscilado la crítica entre atribuir a Virgilio prácticamente toda la *Appendix* o sólo algunos epigramas de *Catalepton*” (DEL BAÑO, 2007, p. 452). “A partir de então [da edição de Escalígero], a controvérsia não deixou de existir e a crítica oscilou entre atribuir a Virgílio praticamente toda a *Appendix* ou apenas alguns epigramas de *Catalepton*”.

¹⁵ “Tras una época relativamente larga en que figuras de la talla de F. Vollmer, T. Frank, K. Rand y A. Rostagni, partidarios de la atribución virgiliana, veían en estas obras un documento de la evolución poética y personal del gran Virgilio, desde hace unas décadas predomina la opinión de que se trata de un conjunto de obritas cuya datación se sitúa en un amplio espacio de tiempo, que va desde mediados del s. I a.C. hasta bien entrado el II d.C. e incluso después”.

Quando pensamos, de modo peculiar, na datação associável a *Aetna*, tem-se hoje geralmente seguido uma opinião acima expressa pela estudiosa espanhola como algo comum em nossa época. Ou seja, em contraste com algumas vozes de um passado mais remoto,¹⁶ os críticos recentes têm, sobretudo, coligido argumentos com o intuito de favorecer a posposição da escrita desse poema ao período vital do próprio Virgílio (70-19 a.C.). De toda forma, *grosso modo* se aventou como *terminus post quem* extremo para esse texto a publicação do *De rerum natura* de Lucrécio – meados do século I a.C. –, enquanto o *terminus ante quem* amiúde se estendeu para 79 d.C. (VOLK, 2005, p. 69).

O motivo que justifica a primeira data é que foram propostos muitos paralelos entre *Aetna* e o poema didático lucreciano,¹⁷ sendo esse último também considerado a primeira iniciativa de gênio, na Literatura latina, de compor uma obra no interior da tipologia genérica

¹⁶ Segundo del Baño (2007, p. 453), entre os argumentos empregados pelos defensores da atribuição da maioria das obras da *Appendix* a Virgílio está a ideia de que ele não poderia ter surgido como poeta “pronto” apenas com a feitura das *Bucólicas* – compostas entre 42 a.C. e 39 a.C. –, necessitando ter escrito algo *antes*, nos anos de sua formação, mesmo sem ter intenções de publicar tais “esboços” inferiores em qualidade. Ainda, Jules Vessereau (1923, p. X-XI), responsável pela edição *Les Belles Lettres* de *Aetna*, depois de descartar a concepção de ser o poeta anônimo um “naturalista de gabinete”, isto é, alguém que escreve sobre a vulcanologia sem nunca ter observado com seus próprios olhos a atividade do monte Etna, faz notar que, entre 122 e 50 a.C., esse vulcão não teria explodido, nem entre 32 a.C. e 40 d.C. Em contrapartida, entre 50 e 32 a.C., foram registradas quatro erupções do Etna (em 50, 44, 38 e 32 a.C.), sendo as duas primeiras, particularmente, impressionantes; isso o leva a defender ser “bem natural que uma ou outra tenha inspirado nosso poema” (“très naturel que l’une ou l’autre ait inspiré notre poème”; VESSEREAU, 1923, p. XI). Além disso, entre os objetos de arte citados na obra está uma pintura mitológica de Medeia (v. 594), a qual o mesmo Vessereau (1923, p. XI) atribui ao artista Timômaco de Bizâncio, explicando ter ela sido trazida a Roma por Júlio César, entre 46 e 44 a.C. O conjunto desses “dados”, assim, leva-o a concluir que “o *Aetna* foi composto entre o ano 50 e o ano 46 (a.C.)” (“l’*Aetna* a été composé entre l’an 50 et l’an 46”; VESSEREAU, 1923, p. XI).

¹⁷ Em *De rerum natura* VI, 639-711, Lucrécio justamente abordou, embora de modo resumido, as erupções do monte Etna; ademais, a edição *Les Belles Lettres* de *Aetna* traz, a partir de p. 45, todo um conjunto de ocorrências em que parecem atestar-se os elos compositivos entre a obra do poeta anônimo e numerosas passagens do *De rerum natura* lucreciano, ou de outros poetas antigos (Virgílio, Ovídio, Manílio...).

em pauta.¹⁸ Quanto à data de 79 d.C., coincide com o ano da violenta erupção vulcânica do monte Vesúvio, que causou, entre outros desastres, o “sepultamento” das localidades romanas de Pompeia e Herculano.¹⁹ Dessa maneira, raciocinam os filólogos, dificilmente seria defensável que a escrita de *Aetna*, única obra da Antiguidade de todo concentrada em expor os mecanismos naturais envolvidos no vulcanismo, como dissemos, pudesse ter sido coeva à famosa erupção vesuviana e omitido por completo tais eventos (o que, de fato, acontece neste caso).

Katharina Volk (2005, p. 70), especificamente confrontada com um dado filológico percebido desde há muito – as várias semelhanças entre expressões²⁰ e algumas ideias²¹ a integrarem tanto *Aetna* quanto o tratado *Naturales Quaestiones* (“Questões naturais”), de Lúcio Aneu Sêneca –, entende que a primeira obra é tributária da última, pois esse filósofo romano tinha o hábito arraigado de citar pelo nome os poetas e “cientistas” dos quais se servia, a fim de embasar as teorias expostas em seu tratado. Desta feita, porém, o total silenciamento de Sêneca a respeito de *Aetna* leva a estudiosa a considerar “evidente (*sic*) que o poema depende de Sêneca e não o contrário” (VOLK, 2005, p. 70);²² por isso, continua ela, seria ainda possível dar como *terminus post quem* mais refinado para o poema o ano de 65 d.C. – o mesmo do suicídio de

¹⁸ O *De rerum natura*, com seus seis livros a conterem milhares de versos, a ousadia da veiculação hexamétrica da física epicurista e o intrincado *labor* poético de Lucrécio, parece ter levado a poesia didática antiga a um patamar jamais antes alcançado. Isso, assim, pode ter tornado essa obra uma espécie de referencial obrigatório para poetas didáticos posteriores, como Virgílio (PERUTELLI, 2010, p. 312).

¹⁹ Na famosa *Epistula* (“Epístola”) VI, 16, 5-7, Plínio, o Jovem, escritor imperial romano, descreve o que viu em pessoa durante este cataclismo, no qual morreu seu tio (o “naturalista” Plínio, o Velho) devido à inalação gasosa nociva.

²⁰ Vejam-se *Aetna*: “**Ingenium sacrare caputque attollere caelo;**” (*Aetna* 226, grifo meu). “**Santificar sua inteligência e erguer a cabeça ao céu;**”. E Sêneca: “[...] **ingenium suscipere coepisti omnium maximum et dignissimum, quod consecrari mallet quam conteri**” (*Naturales Quaestiones* IVa praef. 10, grifo meu). “[...] começaste a exaltar a maior e mais digna *inteligência* de todas, pois preferia *ser santificada* a pisoteada”.

²¹ Óbvio exemplo disso é a crença partilhada pelos dois autores de que supostos ventos subterrâneos, ao passarem com violência por suas galerias, movimentam a terra e dão origem a sismos e/ou erupções vulcânicas. Veja-se *Aetna*, 281 *et seq.*

²² “[...] nahe, dass das Gedicht von Seneca abhängt und nicht umgekehrt”.

Sêneca –, sendo em geral aceite que tal filósofo trabalhou em *Naturales Quaestiones* até o término de sua vida.

Vale ainda a pena mencionar que outro ponto frequente do discurso crítico sobre a datação de *Aetna* vincula-se a ver nessa obra o produto linguístico – e estilístico – de um tempo posterior à latinidade “áurea” (81 a.C. a 14 d.C.) de Virgílio e outros autores, como Horácio, Propércio, Cícero etc., segundo concordam Richter e Volk:²³

Pois os indícios da linguagem, das figuras de linguagem, do estilo, sua preferência pela parataxe, o avanço das abstrações, a natureza das novas formações vocabulares e o uso de palavras comuns com sentido novo correspondem, no todo, a tendências literárias da chamada ‘latinidade argêntea’. O mesmo se aplica à técnica métrica do poeta, com razão descrita como meticulosa e na qual determinados detalhes, como a predileção pelo primeiro pé trocaico, a frequência da diérese bucólica, o grande número de versos abertos etc., não devem ser considerados evidências de incapacidade métrica, mas genuínas características estilísticas de um tempo maduro e muito posterior ao Classicismo poético.²⁴ (RICHTER, 1963, p. 6).

Fazemos notar, entretanto, que a visada linguístico-estilística (ou métrica) nem sempre se firmou como procedimento de análise para a datação de *Aetna*, pois já na “Introdução” de Jules Vessereau (1923, p. XII) à edição *Les Belles Lettres* desse poema, o erudito francófono,

²³ “Sprache, Stil und Metrik ordnen das Werk der „silbernen“ Latinität zu [...]” (VOLK, 2005, p. 70). “Linguagem, estilo e métrica relacionam a obra à latinidade ‘argêntea’”. Por “latinidade argêntea” se entende convencionalmente o período da língua e da Literatura latina compreendido entre 14-114 d.C. (FURLAN, 2006, p. 29-30).

²⁴ “Denn die Indizien der Sprache, der rhetorischen Kunstmittel, des Stils, seine Bevorzugung der Parataxe, das Vordringen der Abstracta, der Charakter neuer Wortbildungen und die Anwendung geläufiger Wörter in neuer Bedeutung – alles dies entspricht den literarischen Tendenzen der sog. Silbernen Latinität. Dasselbe gilt für die metrische Kunst des Dichters, die man mit Recht als sorgfältig bezeichnet hat, bei der also gewisse Besonderheiten wie die Vorliebe für trochäischen ersten Fuß, die Häufigkeit der bukolischen Dihärese, die große Zahl der offenen Verse u.a., nicht als Beweise metrischen Unvermögens, sonder als echt Stilmerkmale einer reifen und über die poetische Klassik weit hinausgekommenen Zeit gewertet werden müssen.”

partidário de uma época prévia à do Império para sua escrita,²⁵ tecia argumentos em desfavor de tal modo analítico. Então, registrando que a maioria dos filólogos aceita vincular semelhantes traços da obra aos contornos do “latim de prata”, todavia faz as ressalvas de que “uma língua não se modifica suficientemente ao longo de meio século ou até de um século, e os procedimentos métricos são muito variáveis segundo os poetas, para poderem observações desse tipo prover argumentos sólidos”²⁶ (VESSEREAU, 1923, p. XII).

Por fim, Arturo de Vivo (1989, p. 77), embora reconheça com muitos as inegáveis semelhanças entre a tessitura das frases – ou até de ideias gerais – presentes ao mesmo tempo em *Aetna* e *Naturales Quaestiones*, acaba optando por pospor a escrita da primeira obra à da segunda, pois esse tratado não aborda sistematicamente o vulcanismo em nenhum de seus livros, impossibilitando-nos defender com dados mais concretos a “importação” dos conteúdos especializados do poema para o texto em prosa; o erudito italiano também divisa na valorização da *pietas* (“respeito filial”) ao fecho de *Aetna* um dado em forte consonância com ideologias associáveis, já, à dinastia dos imperadores Flávios – após 69 d.C. –, não aos conturbados tempos de Nero (e de Sêneca)...²⁷

2 Jogos intertextuais entre *Aetna* e a obra de Virgílio

Nesta seção de nossas análises, tendo há pouco apresentado alguns argumentos correntes no discurso crítico que se poderiam utilizar como justificativa para a posposição, no tempo, da feitura de *Aetna* àquela da célebre “tríade” virgiliana – *Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida* –, passaremos a comentar, à luz da teoria intertextual, como se relacionam alguns trechos do poema didático vulcanológico com as duas derradeiras

²⁵ Veja-se *supra* nota 16.

²⁶ “[...] une langue ne se modifie pas assez au cours d’un demi siècle ou même d’un siècle, et les procédés métriques sont trop variables suivant les poètes, pour que des observations de cette sorte puissent fournir des arguments solides”.

²⁷ “Si pensi, infatti, a tutta la propaganda flavia immediatamente successiva alla presa di potere, con l’ esaltazione della fedeltà e della dedizione al genitore Vespasiano di Tito e Domiziano, celebrati anche nelle monete” (DE VIVO, 1989, p. 83). “Considere-se, de fato, toda a propaganda flaviana imediatamente após a tomada do poder, com a exaltação da fidelidade e dedicação ao pai Vespasiano de Tito e Domiciano, celebrados também em moedas”.

obras de Virgílio. Para tanto, o “recorte” escolhido dos versos de *Aetna* focalizará em conjunto v. 260 *et seq.* e aspectos da digressão dos *pii fratres* (“irmãos respeitosos”) de Catânia (v. 602-644).

Antes de tudo, porém, é necessário definirmos aqui o que se entende por “teoria intertextual”: segundo Paulo Sérgio de Vasconcellos, a opção por recorrer aos procedimentos analíticos em ligação com esse âmbito teórico envolve não só sair em busca e listar paralelos (ou similaridades expressivas) entre textos, mas dar um passo além:

Até o século passado [o século XIX], o estudo das relações intertextuais quase sempre se limitava à identificação minuciosa das “fontes”. [...] A bem da verdade, a *Quellensforschung*, em que têm brilhado sobremaneira os filólogos alemães, é passo indispensável e primeiro para a análise intertextual, pois que de início, obviamente, é preciso detectar a alusão, tarefa árdua, que exige conhecimento extenso e ativo dos escritores da tradição cultural em que se insere o poeta ou prosador em foco, bem como a perspicácia de perceber sutilezas alusivas, mas não se pode dizer que se compreendeu a função de uma retomada de outro texto simplesmente quando se apontou a “fonte” ou fontes certas ou possíveis. (VASCONCELLOS, 2001, p. 25).

Interessa-nos, precipuamente, que Pasquali se revela ciente da importância do intertexto criado pela alusão, que não é mero adorno, mas integra a significação [...]. (VASCONCELLOS, 2001, p. 29).

Como alternativa, portanto, a formas de crítica enraizadas em tradições do passado – expostas, como quaisquer outras, a ressalvas –, a exemplo da um tanto passiva *Quellensforschung* (“busca das fontes”) ou da abordagem retórica referente à *imitatio* (“imitação”),²⁸ a intertextualidade opera por meio de pressupostos que cremos capazes de negociar com as limitações daquelas antigas vertentes. Então, desde os textos pioneiros na

²⁸ “O termo *imitatio*, por dar margem a interpretações errôneas e por abarcar mais o sentido emulativo do que o caráter gerador de sentidos desse recurso, uma vez que as ‘imitações’ eram vistas como forma de rivalizar com os predecessores, bem como ornamentos que engrandeciam a obra e homenageavam os autores considerados dignos de citação, será, nesse trabalho, substituído pela expressão ‘arte alusiva’, a qual passou a ser aplicada ao jogo intertextual” (PRATA, 2002, p. 31-32).

senda dos modernos estudos sobre a intertextualidade, caso do conhecido “Arte Allusiva” de Giorgio Pasquali (1968 [1942]), os críticos vinculados a essa tendência analítica deram destaque, no processo significativo, ao papel do leitor diante daquele do autor.²⁹

Nesse sentido, mesmo diferenciando “alusões intencionais” de “reminiscências involuntárias” – as primeiras, “desejadas” e propositalmente feitas pelo autor –, Pasquali já afirmava que “as alusões não produzem o efeito pretendido senão sobre um leitor que se recorde claramente do texto ao qual se referem” (PASQUALI, 1968 [1942], p. 275).³⁰ Também observa Vasconcellos (2001, p. 28) que o filólogo italiano, no ensaio citado, não restringe os mecanismos alusivos ao âmbito da Literatura Clássica (ou geral), divisando-os a funcionar em todas as artes.³¹

O segundo excerto de Vasconcellos transcrito há pouco, por sua vez, menciona um dado da abordagem intertextual que a distingue com força dos procedimentos apenas “acumuladores” da “busca das fontes”, por exemplo: trata-se de explicitar a necessidade de os meios alusivos não só serem percebidos pelo leitor, mas, ainda, sob a égide desse,

²⁹ Essa figura do funcionamento literário, muitas vezes associada à tortuosa busca de “intencionalidades” pelos intérpretes/público, passou por várias críticas ao longo do século XX. Patricia Prata (2017, p. 138) explica que, simples leitores de textos, de fato nunca temos acesso direto à “intenção” do autor, “sobretudo se esse já morreu há muito, como é o caso dos autores da Antiguidade Clássica”; inclusive, continua, “o texto transcende a vontade de seu escritor, haja vista que mais de um escritor se surpreendeu com o que os críticos acabaram descobrindo em seus textos, coisas que eles próprios não tinham percebido”. Por esses e outros motivos, Michel Foucault (1992 [1969], *apud* PRATA, 2017, p. 141) optou por considerá-lo não um indivíduo histórico – a “subjetividade” ou homem Marcel Proust etc. –, mas antes “uma função reguladora do discurso, um princípio organizador que surge a partir de textos já produzidos, que não se exerce igualmente em todos os discursos e épocas e que não faz referência a um ser real”.

³⁰ “[...] le allusioni non producono l’effetto voluto se non su un lettore che si ricordi chiaramente del testo cui si riferiscono.”

³¹ Tal entendimento, ainda, apresenta confluências com algumas ideias posteriormente traçadas por Julia Kristeva (2012 [1969], p. 142), que fez adentrar no discurso crítico o termo “intertextualidade” ao referir-se a Mikhail Bakhtin: “Mas essa falta de rigor é, antes, uma descoberta que Bakhtin foi o primeiro a introduzir na teoria literária: todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade*, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla” (grifo da edição seguida).

resultarem em nova produção de sentidos no espaço do intertexto.³² Em outras palavras, uma vez notado na leitura, deve o analista apropriar-se ativamente do(s) “hipotexto(s)” – o “modelo”, ou texto aludido – e mobilizar seus referenciais a fim de esclarecer em que tal componente enriquece a significação do “hipertexto”, ou obra de chegada.³³

Assim, na passagem atinente a *Aetna 260 et seq.*, servindo-se de léxico agrícola, a obra do poeta anônimo parece apresentar o fazer dos *agricolae* (“agricultores”) romanos como *tarefa regida pela cobiça material*, além de distante daquilo que mais importaria, a busca abnegada e nobre de saberes “científicos”:

Cada qual deve imbuir-se de nobres saberes; eles são
as searas da mente, isto é a maior paga de todas:
saber o que a Natureza esconde no fundo da terra;
por fenômeno algum ser enganado; não divisar sem palavras
os rugidos sagrados do monte Etna e seu ímpeto furioso;
não empalidecer por som repentino, não crer que ameaças
celestes desceram abaixo, aos Tártaros do mundo;
saber o que barra os ventos, o que os nutre, donde
de repente se faz o sossego e a paz sem trato algum.³⁴

Di Giovine (1981, p. 298-303) demonstrou, a propósito, que vários elementos da passagem em pauta de *Aetna* “remetem” a palavras

³² “Compreendemos, pois, intertextualidade como a presença num texto de outro(s) texto(s) por ele evocado(s) e integrado(s) *produzindo significação*” (VASCONCELLOS, 2001, p. 33, grifo do autor).

³³ Ademais, citar texto de certa tradição faz parte de filiar-se a essa tradição; além da função de criar sentidos integrados à significação do novo texto, a intertextualidade atua pelo “ancoramento” desse em uma tradição; escrever poesia didática, por exemplo, significará também citar os maiores nomes desse gênero. Veja-se, a propósito, Alexander Dalzell (1996, p. 21-22), que enfatiza a grande importância (e frequentíssima ocorrência!) das menções ao Hesíodo d’*Os trabalhos e os dias* para a vinculação dos epígonos a toda uma tipologia literária, a da própria poesia didática, que se crê ter sido “fundada” por esse autor da Grécia arcaica.

³⁴ “*Implendus sibi quisque bonis est artibus; illae/sunt animi fruges, haec rerum maxima merces:/ scire quod occulto terrae natura coerceset;/ nullum fallere opus; non mutos cernere sacros/ Aetnaei montis fremitus animosque furentis;/ non subito pallere sono, non credere subter/ caelestis migrasse minas aut Tartara mundi;/ nosse quid impediatur uentos, quid nutriat illos,/ unde repente quies et nullo foedere pax sit*” (*Aetna* 272-280).

encontráveis nas *Geórgicas* de Virgílio,³⁵ podendo ser entendidos por nós como “marcadores alusivos”.³⁶ O mesmo crítico ainda acrescenta que o tom aberto da “polêmica” ali presente, dificilmente refutável como algo dirigido a Virgílio devido à existência desses mesmos “marcadores”, a custo propicia ver em *Aetna* uma “obra de juventude”³⁷ do poeta de Mântua. Afinal, como explicar, na carreira literária virgiliana, que, de ferrenho “inimigo” da agricultura, ele depois tivesse passado, compondo as *Geórgicas*, a um de seus mais importantes “promotores” poéticos (DI GIOVINE, 1981, p. 298)?

Tem-se neste trecho de *Aetna*, independentemente das discussões sobre a controversa autoria do poema, algo afim a um efeito apontado por Vasconcellos (2001, p. 51) como ponto operante no intertexto constituído por *Geórgicas* II, 490-502³⁸ e o *De rerum natura* de Lucrécio.

³⁵ Note-se um exemplo como (2) o do próprio poema didático-vulcanológico (v. 264-268), cotejado (1) com seu modelo semântico, sonoro e “posicional” de *Geórgicas*: (1): “*Et quid quaeque ferat regio et quid quaeque recuset./ Hic segetes, illic ueniunt felicius uuae./ arborei fetus alibi atque inussa uirescunt/ gramina. [...]*” (*Geórgicas*, I, 53-56, grifo meu). “E o que cada região produz ou recusa./ *Aqui as searas* brotam com mais viço, lá, *as uvas*,/ em outro lugar prosperam os rebentos das árvores e espontânea/ *a grama [...]*” (2): “*Noctes atque dies festinant arua coloni;/ callent rure manus, glebarum excellimus usu:/ fertilis haec segetique feracior, altera uiti,/ haec plantis humus, haec herbis dignissima tellus,/ haec dura et melior pecori silisque fidelis;/ aridiora tenent oleae, sucosior ulmis/ grata. [...]*” (*Aetna* 262-268, grifo meu). “Noites e dias os camponeses se apressam nos campos;/ as mãos se calejam na lavoura, somos ótimos no uso da gleba:/ *esta às searas* é fértil e propícia, a outra *à vinha*,/ este solo aos plátanos, esta terra muito convém às pastagens,/ esta é dura e melhor para os rebanhos, favorável aos bosques;/ as oliveiras dominam as mais áridas, terra mais úmida aos olmos/ *agrada [...]*.”

³⁶ “Como se observa, Vasconcellos considera desde recursos sonoros e rítmicos, escolhas lexicais, uso de certas expressões (por ele denominadas ‘fórmulas alusivas’) até estratégias de citação – como a incorporação de todo um verso ou a fusão de diferentes em um mesmo verso – marcadores de alusão” (PRATA, 2002, p. 38).

³⁷ Veja-se a apresentação de argumentos dos partidários dessa ideia *apud* del Baño (2007, p. 453).

³⁸ O início desse trecho virgiliano corresponde ao que segue (v. 490-494): “*Felix qui potuit rerum cognoscere causas/ atque metus omnis et inexorabile fatum/ subiecit pedibus strepitumque Acherontis auari./ Fortunatus et ille deos qui nouit agrestis/ Panaque Siluanumque senem Nymphasque sorores.*” “Feliz quem pôde conhecer as causas das coisas/ e todo medo e o fado inexorável submeteu/ a seus pés, com o ruído

Inclusive evocando paralelos vocabulares entre *Geórgicas* II, 492 e a obra lucreciana,³⁹ o estudioso brasileiro faz ver que, naquele contexto,

Virgílio retoma material lucreciano para *corrigir* as concepções do filósofo materialista. Assim, ao ideal racionalista do homem que conhece as causas dos fenômenos e, desse modo, livra-se do medo dos deuses e da morte e oferece aos outros mortais a via da libertação através da razão, o poeta das *Geórgicas* oporá o ideal da vida bucólica, proclamando feliz também o camponês piedoso que vive apartado da corrupção da cidade. (VASCONCELLOS, 2001, p. 51, grifo meu).

Mutatis mutandis, em *Aetna*, tendo aludido a uma postura vital – a própria adesão aquisitiva aos afazeres rústicos – manifesta, acredita-se, nas *Geórgicas*,⁴⁰ o texto do poeta anônimo passa a oferecer alternativamente, a fim de “corrigir” o que nela desgosta, sua própria visão – indagadora e “científica” – da realidade (v. 272-280).

De maneira parecida, também estabelecendo elos alusivos com o canto II da *Eneida* virgiliana⁴¹ e/ou, de forma mais sutil e estrutural, com o *epýllion* de Aristeu e Orfeu, que encerrava um poema didático tomado como hipotexto – as *Geórgicas* mesmas –,⁴² *Aetna* assume postura de “correção”, ou acréscimo, diante de alguns pontos falhos do(s) modelo(s). Desse modo, não a *pietas* filial de Anfinomo e Anapias, mas outro afeto

do Aqueronte avaro: afortunado/ também aquele que conhece os deuses agrestes,/ Pã, o velho Silvano e as ninfas irmãs.”

³⁹ Comparem-se, das *Geórgicas*, *subiecit pedibus* – “ submeteu a seus pés” – e, do *De rerum natura* I, 79, *pedibus subiecta* – “ submetida a seus pés”.

⁴⁰ Veja-se *supra* nota 35.

⁴¹ A título de exemplificação, notem-se estes respectivos versos da *Eneida* e de *Aetna* (grifos meus): “*dant tela locum flammaeque recedunt*” – “os dardos cedem lugar e as *chamas* recuam [de Eneias]”, v. 633; “(*flammae*) *et quaecumque ferunt illi uestigia cedunt*” – “e, por onde quer que levem os passos, elas (*as chamas*) *recuam* [dos irmãos respeitosos]”, v. 634.

⁴² “Die Idee, ein Lehrgedicht mit einer mythologischen Erzählung zu beschließen, geht offensichtlich auf Vergil zurück, denn vergleichbar ist der Aristaeus-Mythos in den *Georgica* (4.315-558; vgl. auch die Andromeda-Episode in *Man.* 5.538-618)” (VOLK, 2005, p. 80). “A ideia de terminar um poema didático com uma narrativa mitológica obviamente remonta a Virgílio, porque o mito de Aristeu nas *Geórgicas* é comparável (4.315-558; compare-se também o episódio de Andrômeda em *Man.* 5.538-618)”.

menos valorizado pelos antigos – a avassaladora paixão de um homem por uma mulher –⁴³ movera Orfeu, em *Geórgicas* IV, 315 *et seq.*, a literalmente enfrentar o Inferno em busca de sua Eurídice, morta por uma fatalidade.⁴⁴

Detalhes trazidos à discussão por Katharina Volk (2005, p. 80), por outro lado, a exemplo do fato de que, fugindo de Troia incendiada pelos gregos com o pai Anquises aos ombros – bem como com o filho Iulo, os deuses Penates da cidade etc. –, *pius Aeneas* (“pio Eneias”), sendo apenas *um*, salvou apenas *um* genitor,⁴⁵ parecem remeter a acréscimos intensificadores da bravura dos *pii fratres* de Catânia no intertexto peculiar que o fecho de *Aetna* forma com *Eneida* II, 634-749.

Juntamos a isso que a *pietas* filial não correspondeu ao primeiro pensamento de Eneias na funesta noite da queda de Troia, pois foi-lhe preciso ver com seus olhos o assassinato de Príamo nas mãos cruéis de Neoptólemo – v. 560-563 – para lembrar-se do risco que o velho Anquises, Iulo e a esposa Creúsa corriam deixados à sorte no solar paterno, enquanto vagava pela cidade incendiada em mescla de horror

⁴³ O fim do livro IV do *De rerum natura* de Lucrécio opera no sentido de convencer o *discipulus* dos perigos do amor apaixonado, ali se recomendando, em vez do apego irrestrito a um único ser amado (moça ou moço), que os homens extravasem suas demandas afetivas e sexuais recorrendo a *uulgiuaga Venus* (“Vênus erradia”) (v. 1071), isto é, às mais “saudáveis” relações com pessoas prostituídas.

⁴⁴ Compare-se com *Aetna*: “*Illis diuitiae solae materque paterque;/ hanc rapient praedam mediumque exire per ignem/ ipso dante fidem properant. O maxima rerum/ et merito pietas homini tutissima uirtus!/ Erubuere pios iuuenes attingere flammae/ et quacumque ferunt illi uestigia cedunt*” (*Aetna* 629-634).

“As únicas riquezas daqueles são a mãe e o pai;/ tomarão esse butim e se apressam a fugir em meio/ ao fogo, que lhes infunde, ele próprio, confiança. Ó respeito,/ a mais nobre das coisas e, merecidamente, a mais segura virtude/ humana! Envergonharam-se as chamas de atingir os pios/ jovens e, por onde quer que levem os passos, elas recuam.”

⁴⁵ A mãe de Eneias era a deusa Vênus, importa lembrar, a qual não apenas não necessitava de sua ajuda, do alto do poder divino que detinha, como também auxilia o filho em muitos pontos da epopeia, chegando mesmo a rogar a Júpiter pelo fim da ira de Juno contra o herói e os troianos restantes da guerra contra os gregos (*Eneida* I, 229 *et seq.*). Ainda, a partir do momento em que Eneias decide ocupar-se de salvar sua família, não o pode totalmente, pois, como sabemos, Creúsa, sua esposa, é perdida por ele e morre misteriosamente durante a fuga (*Eneida* II, 746-774).

e fúria.⁴⁶ Em outras palavras, intertextualmente posta em contraste com tais *fratres* do fecho de *Aetna*, a construção da personagem de Eneias resulta bem menos coesa, como se, havendo anúncio prévio de vários dilemas a serem enfrentados por esse herói em pontos mais adiantados da epopeia de Virgílio,⁴⁷ aspectos contraditórios de sua figura fossem trazidos à tona do texto já no canto II da *Eneida*.

3 Conclusão sucinta

Os comentários acima permitiram-nos, situando aspectos básicos da tessitura temática e literária de *Aetna*, sem esquecermos das complexas questões de datação (ou mesmo autoria) que envolvem essa obra, realizar a apresentação geral do texto. Particularmente, o intento de situar de algum modo a composição do poema didático de vulcanologia no tempo – mesmo que de forma aproximativa e hipotética – não corresponde a uma tarefa vã, pois isso importa, como se viu, inclusive para a determinação do(s) modelo(s) intertextual(-is) da obra.

⁴⁶ Sobre a eventual fúria de Eneias – algo que o aproxima perigosamente de seus piores inimigos na *Eneida*, como Juno e o rútilo Turno... –, pertinentes análises de Michael Putnam (1988, p. 30-32) demonstraram que traços formais da epopeia, a exemplo de expressivos símiles, contribuem para sinalizar ao leitor, no limite, certa animalização de homens passionalmente tomados de cólera (como esse herói em perseguição sanguinária aos gregos, com outros troianos, pelas sombras de uma Troia, então, já invadida pelo inimigo). Veja-se, a propósito, na *Eneida*: “*Sic animis iuuenum furor additus. Inde, lupi ceu/ raptores atra in nebula, quos improba uentris/ exegit caecos rabies catulique relict/ faucibus exspectant siccis, per tela, per hostis/ uadimus haud dubiam in mortem mediaeque tenemus/ urbis iter; nox atra caua circumuolat umbra*” (*Eneida* II, 355-360). “Assim se juntou furor ao ânimo juvenil. Daí, como lobos/ predadores que ímproba fome do ventre cegos impeliu/ à névoa escura e cujos filhotes, deixados, com a garganta/ seca esperam, por dardos, por inimigos vagamos/ a uma morte não incerta, tomamos mediana via/ da cidade: a noite escura paira em torno com vazia sombra”.

⁴⁷ A título de exemplificação, em canto IV, 265 *et seq.*, não custa lembrar, Eneias, que se envolvera amorosamente com a rainha Dido de Cartago – apesar de sua predestinação divina a seguir para a Itália e estabelecer, ali, as bases do povo romano –, é chamado por Mercúrio a retomar seu caminho e, assim, deixa na surdina a cidade do norte africano com sua frota. Disso resultou, como se sabe, o suicídio da rainha e o encontro dos antigos amantes nos Infernos (*Eneida* VI, 450 *et seq.*), manifestando-se então lacrimosa comoção do herói (o qual se pinta, parece, com tons de remorsos – “*funeris heu tibi causa fui?*” – “ai, eu a ti a morte causei?” etc., v. 406) e a indiferença de uma, ainda, colérica Dido.

Por fim, a tentativa de ilustrar minimamente a constituição de sentidos no intertexto constituído por *Aetna* e o essencial da obra inconteste de Virgílio – *Geórgicas* e *Eneida* – serviu-nos de guia para a interpretação desse poema vulcanológico como um caso peculiar da ideia, cara aos estudos intertextuais (KRISTEVA, 2012 [1969], p. 142), de que nenhum texto existe isolado de outros, retomando-se todos eles, na leitura, em incessante processo (re)significativo. Então, quando se olha para esse processo no poema vulcanológico de nosso interesse, tem-se que tal obra favorece “correções” e/ou acréscimos intensificadores no contato com consagrado(s) modelo(s), por isso mesmo havendo uma ponta de ousada “crítica literária” na postura manifesta pelo hipertexto quanto aos labores poéticos de Virgílio.

Referências

DALZELL, Alexander. *The Criticism of Didactic Poetry: Essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto: University of Toronto Press, 1996. DOI: <https://doi.org/10.3138/9781442673601>

DE VIVO, Arturo. Considerazioni sull’*Aetna*: rapporti con Seneca, epoca della composizione. *Vichiana: Rassegna di Studi Filologici e Storici*, Napoli, v. 18, p. 63-85, 1989.

DEL BAÑO, Francisca Moya. Poesia “menor”: siglos I y II d.C. In: CODOÑER, Carmen (org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 2007. p. 449-492.

DI GIOVINE, Carlo. La polemica con Virgilio in *Aetna* 260 sgg. *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica*, Torino, v. 109, p. 298-303, 1981.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992 [1969].

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Latim para o português: gramática, língua e literatura*. Florianópolis: UFSC, 2006.

GOODYEAR, Francis Richard David. The *Aetna*: Thought, Antecedents and Style. In: HAASE, Wolfgang (org.). *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*. Berlin: Walter de Gruyter, 1984. p. 344-363. v. 32.1, pt. II.

IODICE, Maria Grazia. Introduzione. In: *Appendix Vergiliana*. A cura di Maria Grazia Iodice, prefazione di Luca Canali. Milano: Oscar Mondadori, 2002. p. IX-XXXIV.

KRISTEVA, Julia. A palavra, o diálogo e o romance. In: _____. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2012 [1969]. p. 139-168.

L'ETNA: poème. Texte établi et traduit par Jules Vessereau. Paris: Les Belles Lettres, 1923.

LÜHR, Franz-Frieder. Die Kritik des *Aetna*-Dichters an Manilius. *Hermes*, Stuttgart, v. 99, p. 141-149, 1971.

PASQUALI, Giorgio. Arte allusiva. In: _____. *Pagine stravaganti*. Firenze: Sansoni, 1968 [1942]. p. 275-282.

PERUTELLI, Alessandro. O texto como professor. In: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo; GIARDINA, Andrea (org.). *O espaço literário da Roma Antiga*: v. I – A produção do texto. Tradução de Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010. p. 293-327.

PLINE LE JEUNE. *Lettres*: tome II, livres IV-VI. Traduit par A.-M. Guillemin. Paris: Les Belles Lettres, 1927.

POLASTRI, Bárbara Elisa. *Um estudo do intertexto virgiliano no Culex*. 2013. 177f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

PRATA, Patricia. Intertextualidade e literatura latina: pressupostos teóricos e geração de sentidos. *Phaos*, Campinas, v. 17, n. 1, p. 125-154, jan./jun. 2017.

PRATA, Patricia. *O caráter alusivo dos Tristes de Ovídio: uma leitura intertextual do livro I*. 2002. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PUTNAM, Michael. Madness and Flight. In: _____. *The Poetry of the Aeneid*. Ithaca/London: Cornell University Press, 1988. p. 3-63.

RICHTER, Will. Einleitung. In: *Aetna*. Herausgegeben und übersetzt von Will Richter. Berlin: Walter de Gruyter, 1963. p. 1-21.

- SENECA. *Natural Questions*. Translated. by Thomas H. Corcoran. Cambridge: Harvard University Press, 1971/1972. v. I-II.
- TOOHEY, Peter. *Epic Lessons: An Introduction to Ancient Didactic Poetry*. London/New York: Routledge, 1996.
- TREVIZAM, Matheus. *Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrecio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- VASCONCELLOS, Paulo Sérgio. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2001.
- VESSEREAU, Jules. Introduction. In: *L'Etna: poème*. Texte établi et traduit par Jules Vessereau. Paris: Les Belles Lettres, 1923. p. VII-XXXIV.
- VIRGILE. *Géorgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes, organização de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2016.
- VOLK, Katharina. *The Poetics of Latin Didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. Oxford: Oxford University Press, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199245505.001.0001>.
- VOLK, Katharina. “Aetna” oder wie man ein Lehrgedicht schreibt. In: HOLZBERG, Niklas (org.). *Die Appendix Vergiliana: Pseudepigraphen im literarischen Kontext*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2005. p. 68-91.

Recebido em: 5 de fevereiro de 2020.

Aprovado em: 29 de abril de 2020.